



Revista Saúde & Ciência
(CCBS/UFCCG)
Ano I, V.1, Nº 2,
Agosto / Dezembro de 2010

FATORES ASSOCIADOS AO CONHECIMENTO E PRÁTICA CONTRACEPTIVA ENTRE ADOLESCENTES PUÉRPERAS ATENDIDAS EM UMA MATERNIDADE-ESCOLA DE CAMPINA GRANDE-PB.

Fátima Aparecida Targino Saldanha¹, Raimundo Antonio Batista de Araújo²,
Mácio Augusto de Albuquerque³, José de Arimatéia Batista Araújo Filho⁴,
Iluska Almeida Carneiro Martins de Medeiros⁵

RESUMO

Estudo transversal e observacional objetivando analisar o conhecimento e a prática acerca dos métodos contraceptivos entre adolescentes puérperas, correlacionando-os aos seus fatores sociodemográficos e antecedentes reprodutivos, mediante avaliação de questionários aplicados em 192 adolescentes internadas na enfermaria de puerpério de uma maternidade de Campina Grande - Paraíba. Dentre as adolescentes entrevistadas, a idade média foi 16,1 anos de idade, 66,7% viviam em união consensual, 76,6% eram primíparas, 67,7% realizaram menos de seis consultas pré-natais, 44,3% residiam na zona rural, 81,3% tinham renda familiar menor que um salário mínimo e 60,9% não freqüentavam a escola. Do total de partos, 58,3% foram transvaginais e 37,5% pré-termo. Quanto ao conhecimento contraceptivo, 42,2% enumeraram espontaneamente mais de três métodos, sendo pílula, condom e DIU os mais citados. Do total de puérperas, 43,8% usavam algum método prévio a gestação, 53,2% não planejaram a gravidez, 96,9% concordaram em usar algum método após a entrevista, sendo anticoncepcionais orais e injetáveis os preferidos. Observou-se assim uma discrepância entre conhecimento teórico e prática contraceptiva dentre as adolescentes grávidas, evidencia-se assim a necessidade de mudança no enfoque dos programas assistenciais direcionados ao tema.

PALAVRAS-CHAVE: *Gravidez na Adolescência, Anticoncepção.*

ASSOCIATED FACTORS TO THE KNOWLEDGE AND PRACTICE OF BIRTH CONTROL AMONGST PUERPERAL ADOLESCENTS ADMITTED TO A SCHOOL-MATERNITY IN CAMPINA GRANDE - PB

ABSTRACT

This is a transversal and observational study aiming at the analysis of the knowledge and use of birth control methods by puerperal adolescents,

¹ Professora Adjunta de Obstetrícia. Unidade Acadêmica de Ciências Médicas (UACM). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS). Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutora em Obstetrícia pela Universidade de São Paulo.

² Professor Auxiliar de Obstetrícia. UACM – CCBS – UFCG.

³ Professor Auxiliar. Departamento de Matemática, Estatística e Informática. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

⁴ Médico Graduado pela UFCG. Pós-graduando em Radiologia e Diagnóstico por Imagem do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

⁵ Médica Graduada pela UFCG. Pós-graduanda em Pediatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Correspondência: Rua Monteiro da Franca, 954, apto 501, João Pessoa, PB. CEP 58.038-320. E-mail: fatima.targino@superig.com.br.

correlating them with social, demographic and obstetrical history factors, through the evaluation of questionnaires applied to 192 puerperal adolescents admitted to the puerperal infirmary of a Campina Grande – Paraíba maternity. The average age of the interviewees was 16,1. 66.7% of the patients were in a consensual union. 76.6% were primiparous. 67.7% of them had less than six prenatal consultations. 44.3% lived in rural areas, 81.3% had less than a minimum wage of family income and 60.9% were not attending school. From the overall deliveries, 58.3% were vaginal and 37,5% premature. Regarding their knowledge on birth control methods, 42.2% spontaneously mentioned more than three methods, the pill, condom and DIU being the most cited ones. From the overall adolescents, 43.8% used some method before getting pregnant, 53.2% did not plan pregnancy, 96,9% had agreed to use some birth control method after being interviewed, the oral and injected ones being the most frequent choices. It has been observed a discrepancy between theoretical knowledge and the practical use of contraception between pregnant adolescents. Therefore, there is a need to change the approach of the programs directed to the subject.

KEY-WORDS: *Pregnancy in Adolescence, Contraception.*

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) conceitua a adolescência como o período compreendido entre 10 e 19 anos de idade, fase de extrema vulnerabilidade, com vários processos orgânicos e psíquicos em franca transformação, na qual o advento de uma gestação não-programada frustra muitas expectativas e gera problemas sociais e médicos (Creatsas e Elsheikh, 2002). Tendo em vista que as adolescentes engravidam cada vez mais cedo, muitas delas evoluem para nova gestação ainda na adolescência (Santos e Schor, 2003). Dados do Ministério da Saúde do Brasil estimam em 21,2% a

taxa de reincidência da gravidez entre adolescentes no primeiro ano pós-parto (BENFAM, 2004).

Consoante relatos da literatura obstétrica, os riscos físicos inerentes a uma gestação precoce são múltiplos e estão mormente relacionados à incidência aumentada de anemia materna, síndromes hipertensivas, desproporção céfalo-pélvica, infecção urinária, prematuridade, placenta prévia, baixo peso ao nascer, sofrimento fetal agudo, complicações no parto (lesões no canal de parto e hemorragias) e puerpério (Ribeiro et al., 2000; Jolly et al., 2000; Sanfilippo et al., 2000; Nogueira, et al., 2001). Quanto à recorrência da gestação, alguns estudos relatam que as adolescentes secundigestas evoluem com resultados perinatais piores que as primíparas (Waissman, 2004). Outrossim, a gravidez na adolescência associa-se a determinantes feitos na qualidade de vida dessas jovens, com prejuízo no seu crescimento pessoal e profissional (Yazlle, 2006). A prática clínica diária revela que a gravidez na adolescência está frequentemente relacionada ao baixo nível sócio-econômico e cultural. A ocorrência e a reincidência da gestação não programada em pleno processo de capacitação e formação profissional amiúde conduzem os jovens, por necessidade de prover a nova família, à deserção escolar e subemprego, mantendo assim um ciclo de pobreza. Segundo Blum (1998), 53% das adolescentes que engravidam completam o segundo grau, contra 95% entre as que não engravidam.

Apesar da maioria dos estudos sugerir a gravidez na adolescência como um evento meramente não desejado, não planejado, resultante da falta de informação e de um contexto de desvantagem socioeconômica (Costa, 2002), observam-se lacunas na compreensão do tema, tornando tal enfoque insuficiente para explicar a complexidade do fenômeno. Alguns estudos mostram que cerca de 40% das adolescentes gestantes desejavam naturalmente engravidar (Belo e Silva, 2004). Embora, no início, o impacto da gravidez indesejada e não planejada seja doloroso, com o tempo a gravidez é aceita e passa a

ser referida como realmente desejada (Belo e Silva, 2004).

No Brasil, estudos recentes têm mostrado, entretanto, que a gravidez indesejada alcança uma proporção de 50% entre adolescentes de 15 a 19 anos, tendo como principal justificativa para tal ocorrência o não uso de métodos contraceptivos (Cunha et al., 1998), sendo que menos de 20% dos homens e 15% das mulheres praticam alguma contracepção na primeira relação sexual (Diaz e Diaz, 1999). Todavia, embora seja raro na prática clínica o adolescente referir desconhecimento acerca dos métodos contraceptivos, vários estudos revelam o uso inadequado de tais métodos, assim como relações sexuais desprotegidas e deficiência dos serviços de saúde para atendimento e acompanhamento de jovens nessa faixa etária (Vieira, 2006). Embora as informações acerca da sexualidade sejam amplamente discutidas pelos meios de comunicação, alguns especialistas consideram-nas excessivamente superficiais, pouco informativas e de cunho banalizado (Vivarta, 1999).

Dentro de tal perspectiva, o presente estudo tem como objetivo analisar, entre adolescentes puérperas atendidas em um serviço de atendimento obstétrico na região nordeste do Brasil, o conhecimento e a prática acerca dos métodos contraceptivos, correlacionando-os aos fatores sociodemográficos e antecedentes reprodutivos. Assim, espera-se propor uma estratégia de prevenção da recorrência de gestações não-planejadas entre as adolescentes avaliadas mediante uma orientação contraceptiva adequada e uma tentativa de conscientização acerca das repercussões e riscos de uma gravidez precoce. Nesse sentido, objetiva-se suscitar a discussão e elaboração de programas de saúde dirigidos ao tema cujas medidas sejam capazes de surtir o efeito preventivo desejado.

CASUÍSTICA, MÉTODOS E ANÁLISES DOS DADOS

Estudo transversal observacional realizado entre junho e dezembro de 2007, no Instituto de Saúde Elpídio de Almeida (ISEA), serviço de referência obstétrica no

estado da Paraíba conveniado à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Os sujeitos da pesquisa foram 192 adolescentes internadas na enfermaria de puérperio da instituição nos dias de visita dos membros do projeto de pesquisa e que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa após leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Foram excluídas da pesquisa apenas as pacientes pós-abortamento e aquelas que se recusaram à entrevista.

Os dados foram coletados mediante aplicação de questionário estruturado com perguntas pré-codificadas e abertas, previamente validado para confirmar a adequação do instrumento, objetivando-se a qualidade das informações obtidas. As variáveis foram agrupadas da seguinte maneira: fatores sócio-demográficos (idade, estado civil, raça, escolaridade, renda familiar, ocupação, número de pessoas com quem reside), antecedentes reprodutivos e sexuais (menarca, sexarca, número estimado de parceiros no último ano, idade na primeira gestação, paridade, intenção de engravidar, aceitação da gravidez ou desejo de interrompê-la, abortamento prévio, número de consultas pré-natais, intercorrências obstétricas, via e tempo do parto) e conhecimento e prática de métodos contraceptivos (tipo e uso). O conhecimento foi considerado adequado ou suficiente quando o adolescente conhecia espontaneamente pelo menos três métodos anticoncepcionais, e inadequado ou insuficiente quando conhecia espontaneamente menos de três métodos.

Ao final de cada entrevista, foram abordados aspectos relacionados ao impacto orgânico e psicossocial de uma gravidez precoce no aumento da morbiletalidade infantil e materna, seguindo-se da apresentação dos principais métodos contraceptivos disponíveis em nosso meio (DIU, condom, anticoncepcionais hormonais orais ou injetáveis e método da lactação e amenorréia – LAM), suas indicações, benefícios e desvantagens. Posteriormente, conforme anuência e escolha, as pacientes foram encaminhadas ao ambulatório de Planejamento Familiar, onde receberam atendimento especializado.

Os questionários foram posteriormente revisados manualmente e os dados obtidos foram escalonados e processados pelo BioEstatistic 4.0 e R Workspace. A análise descritiva univariada incluiu a utilização de distribuições de frequências (absolutas e proporcionais) para as variáveis avaliadas. Na análise bivariada, foram utilizados os testes qui-quadrado de Pearson ou de Yates (quando necessário).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A idade das puérperas variou de 12 a 19 anos, sendo a média de 16,1 anos (DP=2,1). Das 192 adolescentes entrevistadas, 64 (33,3%) tinham até 15 anos de idade, 48 (25%) declararam-se solteiras, 16 (8,3%) casadas e 128 (66,7%) viviam em união consensual. Na sua maioria, as adolescentes (59%) eram pardas. Observou-se ainda que 27% eram brancas e 14%, negras. Quanto à origem, 55,7% residiam na zona urbana e 44,3% na zona rural. Em relação à situação ocupacional, 18,8% exerciam alguma atividade remunerada, sendo empregada doméstica a profissão mais referida. Quanto à renda familiar, 81,3% declararam ter renda de até 1 salário mínimo. Somente 23,4% das puérperas moravam apenas com o companheiro, enquanto 50,5% moravam com 2 a 4 familiares, 25% com mais de 4 pessoas e 1%, sozinhas. Em relação à ocupação do companheiro, 27,4% deles estavam desempregados. A análise da escolaridade das adolescentes revelou que 60,9% não freqüentaram a escola nos últimos 3 meses, 83,3% cursavam, ou abandonaram a escola, no ensino fundamental, 16,7% cursavam ensino médio e 1% ensino superior.

Em relação à paridade, 76% das puérperas eram primíparas, 24% engravidaram mais de uma vez e 12,5% referiram abortamento prévio. A idade média da menarca foi 12,6 anos e da sexarca 13,3 anos. A maioria das adolescentes (56,3%) afirmou ter parceiro único no último ano, enquanto 12,5% não responderam à pergunta.

Na história da gestação atual, 67,7% das puérperas realizaram menos de 6 consultas pré-natais, sendo as intercorrências obstétricas mais relatadas: infecções do

trato urinário, amniorrexe prematura, anemia materna, síndromes hipertensivas, perdas sangüínea genital, doenças sexualmente transmissíveis e oligodrâmnio. Das gestantes, 15,6% não realizaram pré-natal e 6,3% fumaram durante a gestação. Do total de partos realizados, 58,3% foram transvaginais e 41,7% cesareanas. Quanto à idade gestacional, 37,5% foram pré-termo, 56,3% a termo e 6,3% pós-termo.

Ao serem indagadas acerca dos métodos contraceptivos conhecidos, 57,8% citaram menos de 3 métodos, enquanto 42,2% enumeraram 3 ou mais. Apenas 5,7% das adolescentes declararam desconhecimento quanto a qualquer método contraceptivo.

Os métodos mais conhecidos foram: pílula – Anticoncepcionais hormonais orais – (93,2%), condom (88%), DIU – dispositivo intra-uterino – (37,5%), tabela – método de Ogino-Knaus – (17,7%), ACHI – anticoncepcionais hormonais injetáveis – (15,1%), diafragma (8,3%) e coito interrompido (4,2%). Sobre o uso de tais métodos previamente à gravidez, 43,8% das adolescentes usaram algum método antes de engravidarem, sendo que, destas, 80,9% usaram anticoncepcionais hormonais orais (ACHO), 31,4% condom (regularmente ou esporadicamente) e 6,7% outros métodos anticoncepcionais.

Na análise da relação entre alguns fatores sociodemográficos (Tabela 1, pág. 27) e a prática contraceptiva, houve diferença significativa entre o uso prévio de MAC e duas das variáveis analisadas: número de gestações anteriores e renda familiar.

Quanto à intenção de engravidar, a maioria das adolescentes (53,2%) afirmou não ter planejado a gestação, enquanto 46,8% delas manifestaram o desejo de ser mãe como justificativa para o não uso de MAC. No tocante à aceitação da gravidez, 88% das puérperas aceitaram e passaram a desejar a gestação, sendo que apenas 11,9% delas manifestaram o desejo de interrompê-la.

Após a entrevista, 96,9% das pacientes concordaram em usar um método contraceptivo. A maioria delas (54,6%) escolheu os anticoncepcionais hormonais orais, 16,7% escolheram os ACHI, 13,5% o

Tabela 1 - Porcentagem de adolescentes que usaram métodos contraceptivos de acordo com variáveis avaliadas

VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS	COM USO DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS ANTERIOR 43,75%	SEM USO DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS ANTERIOR 56,25%	p
Idade Até 14 anos 15-19 anos	33,3% 50%	66,7% 50%	0,03
Estado Civil Solteira Casada/união consensual	33,3% 47,2%	66,7% 52,8%	0,15
Escolaridade Ensino fundamental (completo / incompleto) Ensino médio ou superior (completo/incompleto)	45% 41,2%	55% 58,8%	0,88
Cor Branca Parda Preta	44,2% 45,1% 37%	55,8% 54,9% 63%	0,74 **
Trabalha SIM NÃO	55,5% 41%	44,5% 59%	0,74**
Número de Gestantes 1 ≥ 2	38,4% 63,4%	61,6% 36,6%	0,0073
Renda Familiar Até 1 salário mínimo Mais de 1 salário mínimo	33,3% 66,6%	61,6% 33,4%	0,0039

DIU e 12% condom. Tais pacientes foram encaminhadas ao serviço de Planejamento Familiar do ISEA onde receberam atendimento especializado.

Diante de tais dados, observou-se que uma exígua minoria das pacientes desconhecia qualquer método contraceptivo e, dentre as que conheciam, quase a metade enumerou espontaneamente mais de 3 métodos (nível classificado como adequado ou suficiente). No entanto, tal nível de conhecimento associado à elevada concordância com o uso dos MAC manifestado pelas puérperas não foi acompanhado

de uma utilização efetiva dos mesmos em sua vida sexual progressa. Tais dados evidenciam uma inadequação no uso dos MAC por parte das adolescentes demonstrada pelo abandono freqüente dos métodos, pelo desconhecimento dos riscos de uma gravidez precoce e pelos altos níveis de sua recorrência ainda na adolescência. Certamente, tal comportamento está relacionado à imaturidade psico-emocional de muitas adolescentes que ainda não estão côncias dos riscos físicos, emocionais e sociais associados a uma gravidez precoce.

Comparativamente com estudos anteriores (Belo e Silva, 2004; Waissman, 2004), observou-se haver concordância entre os níveis de conhecimento dos MAC (pílula, condom, DIU, tabela, diafragma e coito interrompido) pelas puérperas avaliadas, com exceção dos anticoncepcionais hormonais injetáveis (ACHI). Na nossa população, uma taxa significativamente menor de adolescentes, cerca de metade da taxa observada por Belo e Silva (2004), manifestou espontaneamente conhecer os ACHI, o que certamente pode ser justificado pela pequena disponibilidade de tal método no nosso meio.

Não obstante os altos índices de conhecimento inerentes à contracepção, detectados pelo estudo, a qualidade de tais informações foi considerada insatisfatória. Durante a aplicação dos questionários, foram muitas as manifestações de uso inadequado dos métodos contraceptivos e de desconhecimento acerca da fisiologia reprodutiva, assim como freqüentes as idéias equivocadas sobre riscos inexistentes associados ao uso de alguns métodos, mormente DIU e diafragma. Tais constatações poderiam estar associadas ao fato de que quase a metade da população analisada era oriunda da zona rural, onde o acesso reduzido à escola, aos serviços de saúde de qualidade e aos meios de comunicação ainda cerceiam um conhecimento satisfatório e de qualidade sobre contracepção. Contudo, entre as pacientes residentes na zona urbana, onde teoricamente, haveria um acesso facilitado a tais meios e informações, também se demonstrou um conhecimento insatisfatório. Há, portanto, uma importante lacuna entre a noção de existência, o teor das informações e as taxas de utilização dos métodos anticoncepcionais entre as adolescentes, o que revela uma flagrante discordância entre a quantidade e a qualidade do conhecimento contraceptivo nas puérperas estudadas.

Em relação ao uso dos MAC, os métodos mais utilizados previamente à gravidez foram pílula e condom em consonância com os dados da literatura (Belo e Silva, 2004; Waissman, 2004). Quanto à orientação anticoncepcional futura, proposta ao final da entrevista, os anticoncepcionais hormonais orais, frente sua conveniência e segurança, foram os métodos preferidos.

Observou-se ainda que quase todas as

adolescentes manifestaram o desejo de usar algum método no intuito de prevenir a recorrência da gravidez. Entretanto, em muitos casos, a primeira gravidez não vem acompanhada de um aprendizado tampouco implica em mudança de comportamento dessas adolescentes. No tocante à recorrência da gestação na adolescência, os altos índices observados em nosso estudo foram concordantes com aqueles detectados em outros centros (Belo e Silva, 2004; Waissman, 2004), ratificando a falha na condução e orientação das puérperas adolescentes após a primeira gravidez. Embora o estudo tenha demonstrado um maior uso dos MAC pelas adolescentes secundíparas, os índices de recorrência da gestação, ainda na adolescência, foram elevados.

Nesse contexto, a maternidade é um ambiente de inestimável importância no aconselhamento das jovens mães quanto à necessidade de prevenção da recorrência da gravidez, porquanto, no puerpério, as mulheres geralmente estão mais suscetíveis à orientação contraceptiva. Todavia, muitas vezes perde-se tal oportunidade e as adolescentes puérperas voltam para casa sem estarem suficientemente orientadas. Nessa busca, faz-se mister incentivar o desenvolvimento de programas que contemplem o puerpério como a primeira oportunidade de prevenir-se uma nova gravidez precoce.

Na nossa amostra, a média de idade foi concordante com a média observada em outros estudos (Belo e Silva, 2004; Waissman, 2004). Porém, a idade média da menarca (12,57 anos) e da sexarca (13,25 anos) foram significativamente menores. Demonstra-se assim que a maioria das adolescentes atinge a maturidade sexual antes de chegar à maturidade social e à independência econômica, o que, na ausência de uso dos MAC, expõe-nas aos riscos de uma gravidez precoce (nem sempre indesejada) e das doenças sexualmente transmissíveis. Observou-se ainda que quase metade das adolescentes desejava engravidar, justificando o não uso da contracepção no desejo de ser mãe, em uma clara demonstração do desconhecimento dos riscos e consequências de uma gravidez precoce. Diante da pujança de tais proporções, evidencia-se a necessidade de mudança no enfoque dos programas assistenciais

direcionados ao tema, os quais, em muitos casos, primam apenas pela apresentação dos métodos anticoncepcionais em detrimento de uma abordagem dos aspectos relacionados às repercussões de uma gravidez na adolescência.

Entre nossas adolescentes, a renda e a escolaridade foram expressivamente mais baixas e os índices de união consensual ou civil foram significativamente maiores que os descritos nos outros estudos comparados (Belo e Silva, 2004; Waissman, 2004). Certamente, tais dados relacionam-se ao fato de que, em nossa realidade, muitas jovens vêm na gravidez e no casamento a possibilidade de mudança de vida. No entanto, a família em formação demanda novas necessidades incompatíveis com a realidade de um casal adolescente, conduzindo muitos jovens à evasão escolar, ao subemprego e ao agravamento das condições de vida. Quando comparada aos referidos estudos, nossa pesquisa revelou maiores índices de adolescentes que exerciam alguma atividade remunerada, bem como maior taxa de desemprego entre os companheiros das adolescentes grávidas.

Não obstante o elevado índice de intercorrências nas gestações analisadas em nossa pesquisa, demonstrou-se uma insatisfatória adesão ao acompanhamento pré-natal entre a maioria das adolescentes. Quanto à via de parto, observou-se pequena diferença entre as vias transvaginal e cesareana. Entretanto, os dados demonstram uma incidência aumentada de cesareanas no grupo estudado (41,7%) em relação à taxa geral de todos os partos cirúrgicos realizados no mesmo período (33,6%). A taxa de prematuridade mostrou-se significativamente elevada (37,5%) quando comparada aos índices nacionais (6,6%), mas esteve em consonância com os índices registrados em outros serviços públicos de atendimento à gestação de alto risco. A baixa adesão ao pré-natal e o elevado índice de intercorrências observados certamente contribuíram para tal fato.

A análise da relação entre os fatores sociodemográficos e o uso de métodos contraceptivos revela que o grau de escolaridade das adolescentes não se associa a uma prática efetiva da anticoncepção. Pelo contrário, entre as puérperas com maior escolaridade (ensino médio completo ou incompleto) observa-se um

menor uso dos MAC quando comparado com as adolescentes com menor grau de escolaridade (ensino fundamental completo/incompleto ou menor). Tal fato denuncia a ineficiência da escola na formação sexual das adolescentes ao não discutir temas relacionados à saúde sexual e reprodutiva ou apresentá-los de forma superficial, pouco informativa e inapropriada. A ineficiência, ou mesmo inexistência, de diálogos familiares acerca da orientação sexual também contribui nesse processo ao dificultar a transmissão de conhecimentos e experiências referentes à prevenção de uma gravidez não planejada.

CONCLUSÕES

Os resultados do presente estudo demonstram haver uma discrepância entre o conhecimento e uso da contracepção entre as adolescentes que engravidam, evidenciando-se uma prática inadequada da anticoncepção apesar de um significativo conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais.

Diante do exposto, torna-se evidente a importância de contextualizar, no processo educativo, o conhecimento referente à sexualidade, visando à promoção da saúde reprodutiva mediante a inclusão da família e da comunidade em uma abordagem clara e livre de preconceitos. Outrossim, é mister ampliar o acesso dessas adolescentes a serviços especializados de qualidade a fim de que possam obter assistência integral, privacidade, confidencialidade e apoio sem juízo de valor.

Quanto à prevenção da recorrência da gravidez indesejada, a prescrição de um método anticoncepcional ainda no puerpério é uma estratégia recomendável e deve obedecer a quesitos gerais e específicos da adolescência (eficácia, acessibilidade, poucos efeitos colaterais, facilidade no uso e altas taxas de aderência), sendo o contraceptivo oral o método aparentemente de melhor aplicabilidade para esse grupo de mulheres. A restrição ao método relaciona-se ao esquecimento, muito comum para pessoas dessa faixa etária, frequentemente ainda não acostumadas a assumir compromissos com seriedade e à imprescindível necessidade de associação com

métodos de barreira com vistas à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Dessa forma, faz-se premente a implementação de estratégias que permitam aos nossos jovens conscientizarem-se acerca da importância da prevenção da ocorrência – e recorrência – de uma gravidez precoce não planejada mediante o diálogo e a discussão de suas dúvidas e vivências. Nesse sentido, tal processo de conscientização impõe a necessidade de uma maior integração de profissionais de saúde e educação, poderes instituídos, família e comunidade.

REFERÊNCIAS

- BELO, M. A. V.; SILVA, J. L. P. Conhecimento, Atitude e Prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. **Revista de Saúde Pública**. v. 4. p 479-487. 2004.
- BENFAM – Sociedade Civil do Bem Estar Familiar no Brasil. **Adolescentes, jovens e a Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde. 2004.
- BLUM, R. W. et al. The Minnesota Adolescent Health Survey. Implications for physicians. **Minn Med**. v. 3. p.143-145, 1998.
- COSTA, M. C. et al. Childbirth and live newborns of adolescent and young adult mothers in the municipality of Feira de Santana, Bahia State, Brazil. **Cad Saúde Pública**. v.3 p. 715-722. 2002.
- CREATSAS, G; ELSHEIKH, A. Adolescent pregnancy and its consequences. **European Journal Contraceptive Reproductive Health Care**. v. 7. p. 162-172. 2002.
- CUNHA, A. A.; MONTEIRO, D. L. M. **Gravidez na adolescência**. Rio de Janeiro: Revinter. 1998.169 p.
- DIAZ, J.; DIAZ, M. Contracepção na adolescência. **Cadernos Juventude Saúde e Desenvolvimento**. v. 1. p. 249-57.1999.
- JOLLY, M.C. et al. Obstetric risks of pregnancy in woman less than 18 years old. **Obstet Gynecol**. v. 6. p 962-966. 2000.
- NOGUEIRA, N. M. et al. Utilization of different iron concentrations on pregnant adolescents also supplemented with zinc and folate. **Arch Latinoam Nutr**. v. 3. p 225-229. 2001.
- RIBEIRO, E.R.O. et al. Comparação entre duas coortes de mães adolescentes em município do sudeste do Brasil. **Revista de Saúde Pública**. v.2. p.136-142. 2000.
- SANTOS, S. R.; SCHOR, N. Vivências da maternidade na adolescência precoce. **Revista de Saúde Pública**. v.37. p15-23. 2003.
- SANFILIPPO, J. S. et al. **Gravidez na Adolescência**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1996. 240-251 p.
- VIEIRA, L. M. et al. Considerations on contraceptive methods used by adolescents in Brazil. **Revista Brasileira Saúde Materno-infantil**. v. 6. p. 135-140. 2006.
- VIVART, V. Mídia: quando a informação é o melhor remédio. **Cadernos juventude saúde e desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde. 1999. p. 63-74.
- WAISSMAN, A.L. **Análise dos fatores associados à recorrência de gravidez na adolescência** (Tese de Doutorado em Obstetrícia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- YAZLLE, M.E.H.D. Gravidez na adolescência. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**. v. 8. p 443-445. 2006.